

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE PÚBLICA:
ESTRATÉGIAS DE ALUNAS PARA LIDAR COM A QUESTÃO DO TEMPO**

ERIKA FONSECA ARMOND

Rio de Janeiro (RJ)

Março de 2017

ERIKA FONSECA ARMOND

PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE PÚBLICA:
ESTRATÉGIAS DE ALUNAS PARA LIDAR COM A QUESTÃO DO TEMPO

Monografia a ser apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Gabriela de Souza Honorato

Rio de Janeiro (RJ)

Março de 2017

ERIKA FONSECA ARMOND

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Gabriela de Souza Honorato (Orientadora) – UFRJ

Prof.^a Dr.^a Carolina Zuccarelli Soares – UFF

Prof. Dr.

Rio de Janeiro (RJ)

Março de 2017

Resumo

Esse trabalho monográfico coloca em questão o acesso e a permanência numa universidade pública de mulheres que são oriundas das camadas populares, cujo perfil é de mães, responsáveis pelas tarefas domésticas, com ocupação profissional, pois, precisam contribuir com a renda familiar, além de serem estudantes universitárias. Toma-se como informantes alunas do curso de Pedagogia da UFRJ, submetidas a entrevistas semiestruturada. A partir do levantamento bibliográfico e de dados secundários e primários reflete-se sobre as políticas mais recentes de democratização das oportunidades educacionais no ensino superior brasileiro.

Palavras-chave: ensino superior – permanência – universidade pública – gênero

*Dedico este trabalho àqueles que
sempre me amaram e
fizeram tudo por mim:
Martha, minha mãe...
Vanor, meu pai...*

*Aos amores da minha vida:
Cristiano, meu marido...
Luisa, Manuela e Isabela, minhas filhas.*

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, pela minha vida, pela saúde, por ter colocado pessoas tão especiais no meu caminho, que foram fundamentais nessa conquista e, pela oportunidade de poder realizar esse sonho que foi poder cursar a graduação, na universidade que sempre sonhei.

Agradeço também a minha amada MÃE, que me gerou, me amou e sempre esteve ao meu lado, me dando todo apoio necessário para a realização deste sonho. Nem mesmo as mais belas palavras serão suficientes para expressar toda minha gratidão, por todas as renúncias que a senhora fez durante esses anos, por todo tempo, amor e carinho dedicados às minhas três maiores riquezas, minhas filhas, para que eu pudesse chegar até aqui, sempre com a certeza de que elas não poderiam estar em melhores mãos e sabendo que estavam sendo cuidadas pela senhora, no conforto do nosso lar, muito obrigada.

Agradeço também ao meu amado e querido PAI, por todo apoio, pelas palavras de força e incentivo que sempre me deu, por também acreditar e comprar meu sonho, e por sempre demonstrar que tinha orgulho de cada passo que eu dava que me aproximava cada vez mais desse importante momento. Não posso deixar de falar de todas as caronas que foram dadas, pois, sem elas, com certeza, teria sido mais difícil, muito obrigada, pai.

Com lágrimas nos olhos, tenho orgulho de falar da minha querida irmã e dos meus lindos sobrinhos que sempre demonstraram orgulho de mim, sempre me acolheram com todo carinho do mundo, e, sem sombra de dúvidas, todo esse amor fez minha trajetória ser muito mais doce. Carol gostaria de deixar registrado aqui, meus sinceros agradecimentos, por toda ajuda que você me ofereceu, e, não foram poucas, por todas as impressões, me dando a oportunidade de estudar de forma mais adequada, além da economia financeira que essa grande ajuda me proporcionou, num momento tão delicado, onde cada centavo fazia diferença, muito obrigada mesmo.

Meus amados sobrinhos, que esperaram com paciência, que a avozinha deles cuidasse das três priminhas para que a tia pudesse estudar tranquila, a tia ama vocês.

Não posso deixar de falar de algumas pessoas que cruzaram meu caminho durante esses anos, que foram muito bondosas comigo e jamais esquecerei nenhuma delas. As lindas pedagogas, Mariane, Josiméia, Isabel, Daniele e Rafaela (do CLAC) foram pessoas incríveis que fazem parte dessa caminhada, me deram apoio, me fizeram dar boas gargalhadas e nunca se negaram a me ajudar, muito obrigada, meninas. Agradeço também as outras colegas de curso que me fizeram companhia durante tantos momentos e que tornavam cada encontro nas aulas mais agradável.

Emocionada, agora, irei escrever sinceras palavras para as duas AMIGONAS que ganhei quando entrei na UFRJ, que se tornaram verdadeiras IRMÃS do coração e, que com certeza, nunca mais deixarão de fazer parte da minha vida: Mayara e Lívia. Minhas queridas amigas, começo falando que ter a amizade de vocês duas foi uma das melhores

coisas que me aconteceram nesses últimos anos. Cada aula, cada encontro, na PV, vai ser lembrado por mim com muito carinho. Vocês também são responsáveis por essa conquista, sempre me apoiaram me deram forças em momentos muito difíceis, incentivaram e, de verdade, fez muita diferença na minha vida. Nossa amizade é a mesma, nunca mudou, mesmo quando precisamos nos afastar durante alguns períodos por motivos pessoais, mas o nosso reencontro demonstrou que a amizade e o carinho se mantiveram, e isso não tem preço. Sei que nossa caminhada está apenas começando e que vamos nos encontrar na rotina acadêmica ainda por um bom tempo. Muito obrigada a cada uma, vocês foram incríveis comigo, amo vocês!

Gostaria de agradecer também as pessoas que me ajudaram lá no início dessa trajetória, são pessoas que considero demais, tias e primas do meu marido e, minha sogra.

Minha avó Janette, que me deu apoio, meu avô Pedro, que dedicou seu tempo para me ajudar, amo vocês, muito obrigada.

Tive a oportunidade de me reaproximar da minha avó, dos meus tios e primas paternos, que quando souberam da proximidade dessa conquista ficaram muito felizes e orgulhosos e, desde então, estão sempre participando e ansiosos para a conquista do canudo.

Depois de citar tantas pessoas especiais para mim, gostaria de falar do meu marido, Cristiano. Você já deve saber, mas gostaria de deixar registrado aqui, meus sinceros agradecimentos por tudo que você fez e ainda faz por mim e pelas nossas filhas. Não poderia ter pessoa melhor ao meu lado, você sempre me deu apoio, viveu todos os momentos de sofrimento e de alegrias junto comigo, nunca me abandonou, participou de tudo sempre me oferecendo seu ombro amigo e, tenho certeza, sem você eu não teria conseguido!!! Você é maravilhoso, espero agora, poder de alguma forma retribuir todo o bem que você nos fez, muito obrigada, eu te amo muito!

Sobre as minhas filhas, só posso agradecer a Deus pela vida de cada uma delas. A chegada de cada uma na minha vida foi fundamental para querer cada vez mais ser uma pessoa melhor, me dedicar aos estudos para ter a oportunidade de oferecer um futuro mais digno e, mesmo sem saber, elas me deram muita força, que em cada momento difícil, ao lembrar do rostinho de cada uma, eu levantava a cabeça e continuava seguindo meu caminho. Minhas filhas, a mamãe ama vocês!

Direciono agora meus agradecimentos ao homem que foi um pai pra mim, meu avô Vanor. Mesmo não estando presente fisicamente, tenho certeza que ele se alegra com essa conquista. Ele, que sempre foi exemplo, o único formado na família, que sempre batalhou pela família e nunca mediu esforços para me ajudar nos estudos. Ele foi a minha primeira e maior inspiração, sei que se o senhor estivesse de corpo presente aqui, vó, estaria explodindo de felicidade, ao ver sua primeira neta se formando. Muito obrigada por tudo, por ter sido meu avô, pelas boas lembranças, pelos ensinamentos e que o senhor esteja bem, onde estiver.

Com alegria que agradeço a todos os professores que passaram pelo meu caminho e, em especial a Prof.^a Irene Giambiagi, que foi muito amorosa e humana comigo durante o tempo que passamos próximas e, a minha querida orientadora Prof.^a Gabriela Honorato, que me acolheu desde o primeiro período, quando tudo ainda era novidade e me deu a oportunidade de me aprofundar no mundo acadêmico, com tanta competência, sem dúvida, a MELHOR professora que já tive na vida!

Sumário

Introdução	10
Capítulo 1 – Expansão e Democratização do Ensino Superior (no Brasil)	15
1. Capítulo 2 – A permanência na universidade: estratégias de estudantes, trabalhadoras, donas de casas, mães e esposas para lidar com o tempo	24
2. 2.1 – Distância geográfica.....	33
3. 2.2 – Estrutura e apoio familiar	35
4. 2.3 – Sobrevivência e desempenho acadêmico	37
5. 2.4 – Atividades domésticas e trabalho.....	38
6. 2.5 – Estratégias de otimização do tempo	40
Conclusão.....	44
Bibliografia	46

Introdução

No Brasil, o Ensino Superior vem passando por mudanças significativas em relação à expansão, à democratização e, com efeito, à ampliação das oportunidades de acesso. Como evidencia Gabriela Honorato (2015) em seus estudos, o número de matrículas, no decênio de 2003 a 2013, aumentou 85,6%, saltando de 3,9 para 7,3 milhões de alunos matriculados nas Instituições de Ensino Superior (IES). A mesma autora aponta, ainda, que muitos dos alunos e alunas que estão chegando a este nível de ensino têm sido chamados de "novos estudantes" como sugere Heringer (2015), pois, tem origem nas classes populares, são egressos de escolas públicas e afrodescendentes. Mesmo sendo esta diversificação do público uma boa notícia, a autora continua com a afirmação da persistência problemas. Por exemplo, mesmo com o aumento do número de matrículas, foi registrada uma queda no número de concluintes em 2012 (pela primeira vez). Essa queda pode significar que a permanência nos cursos e a conclusão dos mesmos é uma grande dificuldade enfrentada por esses "novos estudantes".

Este trabalho monográfico busca investigar as estratégias das estudantes do curso de Pedagogia da UFRJ¹, para lidar com os estudos universitários, conciliando-os com seus respectivos trabalhos, famílias (maridos/filhos/pais/avós/outras parentes), tarefas domésticas e outras atividades, como cursos de línguas, lazer, etc. Essa problemática surgiu, *a priori*, da minha experiência vivida como graduanda do curso mencionado, na referida instituição e, *a posteriori*, da minha atuação como integrante em Iniciação Científica do grupo de estudos e pesquisa, vinculado à FE²/UFRJ, intitulado LaPOpE – Laboratório de Pesquisas em Oportunidades Educacionais, na qual fui voluntária e orientada pela professora Gabriela de Souza Honorato. No geral, as pesquisas e estudos realizados neste Laboratório são voltados para a relação da educação com a produção e efeitos das desigualdades sociais. Na pesquisa em que tive a oportunidade de participar ativamente o tema foi o da permanência no curso superior, em especial o de Pedagogia da UFRJ, o que contribui para o meu interesse na Sociologia da Educação.

Para além da minha própria experiência vivida enquanto aluna, motivação pessoal, e da minha participação no grupo de pesquisa já mencionado, pude observar a relação das tais estratégias que colegas minhas de curso desenvolviam para dar

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Faculdade de Educação.

continuidade aos seus respectivos estudos universitários, o que somou para o meu interesse nessa questão. A hipótese que me norteia é de que as estratégias que são desenvolvidas pelas alunas são individuais, assim como as minhas, com o apoio familiar, no máximo. As IES não desenvolvem quaisquer políticas institucionais para auxiliar na organização do TEMPO, que é um dos grandes desafios enfrentados pela maioria das estudantes do ensino superior para a permanência no curso. Mesmo as que não têm filhos, não trabalham, não são casadas, ou seja, as que “apenas estudam” têm dificuldades em lidar com o tempo. Além disso, a autonomia que essas alunas têm, quando entram nas IES é diferente do ensino médio, onde os/as estudantes são monitorados/as o tempo todo pelo/a professor/a (COULON, 1977).

Portanto, ficar "à vontade" passa a reforçar este tipo de dificuldade, quando cada um/a deve ser capaz de monitorar seu tempo para conseguir dar conta de exigências em prazos esperados pelos/as docentes. Assim sendo, tenho como objetivo contribuir com reflexões para que as IES repensem e desenvolvam estratégias, políticas institucionais e/ou programas que auxiliem os/as discentes – particularmente as mulheres – na organização do tempo, a fim de evitar a evasão de estudantes. O Brasil carece de mais e melhores estudos que compreendam os processos pelos quais os/as estudantes conseguem permanecer e concluir seus estudos e não evadir. Ou, ao contrário, aqueles que identificam as razões da evasão de alunos/as no ensino superior. Assim, além de chegar a caminhos possíveis para a diminuição do desperdício de dinheiro público, estes estudos poderiam contribuir para que as IES não deixem seus alunos/as à própria sorte. A evasão gera uma série de problemas/prejuízos de dinheiro e recursos para os governos, para as instituições de ensino, para os/as estudantes e suas famílias.

Para fazer jus ao grau e diploma do curso de Pedagogia, na UFRJ, o/a aluno/a precisa cumprir um total de 202 créditos, dentre eles, 148 créditos em disciplinas obrigatórias, 41 em requisitos curriculares suplementares, 9 em disciplinas de escolha condicionada, e 4 em disciplinas complementares de livre escolha (total de 3.435 horas).³ O/a graduando/a deste curso deve, ainda, elaborar um trabalho de conclusão de curso (monografia), a ser avaliado por uma banca escolhida pelo/a mesmo/a, juntamente com seu/sua orientador/a. Somente após cumprir todas essas etapas o/a aluno/a adquirirá o diploma de Pedagogo/a. Frente a todos esses “desafios”, os/as alunos/as precisam se munir de diferentes estratégias para dar conta de suprir todas as necessidades que serão

³ Disponível em: < <https://portalaluno.ufrj.br/Turma/gradeCurricular?cid=3129>>. Acesso em: 06 de fev. 2017.

impostas durante sua trajetória na graduação. Sendo assim, considerando a chegada de um novo perfil estudantil, com origem nas camadas populares e, em sua maioria, a primeira geração da família a ingressar no terceiro grau, provavelmente, demandas de vida diferenciadas de um padrão de “classe média” estão aí presentes.

Muitas das alunas são casadas, são mães e trabalhadoras; moram em locais distantes do *campus*, levando, por vezes, mais de duas horas para chegar à Faculdade e outras duas horas para voltar para casa. A Faculdade de Educação da UFRJ fica situada no *campus* Praia Vermelha, localizado no bairro da Urca (zona sul (e nobre) do Rio de Janeiro), mas de difícil acesso para muitos/as estudantes. Tudo isso dificultaria muito a permanência na graduação. Quais seriam, portanto, as estratégias destas alunas para organizarem seu tempo em relação a seus estudos universitários? Embora pareça uma questão própria do curso de Pedagogia, em particular, e dos cursos de formação de professores, de modo geral, é preciso lembrar, que o ensino superior brasileiro é predominantemente feminino. O estudo realizado por Barreto (2014) apresenta um panorama quantitativo da participação feminina no ensino superior, sejam elas, alunas ou docentes, ou atuantes na infraestrutura institucional. Entretanto, vale ressaltar, que este trabalho monográfico versará sobre as estudantes no ensino superior.

É fato que existem diversos estereótipos relacionados ao gênero. No senso comum acredita-se que existam carreiras mais adequadas às mulheres e carreiras propriamente masculinas e, o valor social atribuído às diferentes ocupações no mercado de trabalho, é influenciado pelo gênero. Sendo assim, mesmo as mulheres ocupando, em maior número, os lugares nas universidades, elas não estão distribuídas de maneira uniforme pelas diferentes “vocações”. No Brasil a presença das mulheres em diferentes níveis educacionais é majoritária, e, também, no ensino superior. O Censo da Educação Superior demonstrou que no ano de 2012, as matrículas em curso de graduação ultrapassavam sete milhões, e, desse montante, 57% era de mulheres. Essa predominância feminina é considerada um fato recente, pois, em 1956, elas representavam apenas 26% do total de matriculados. Esse quadro foi modificado nos anos 2000, segundo Moema Guedes (2009), citada por Barreto (2014, p.13), quando as mulheres na faixa etária de 20 e 29 anos alcançaram 60% do total de concluintes.

Em relação à educação à distância (EaD), o número de mulheres é ainda mais expressivo: em 2012, na educação presencial, a participação das mulheres era ligeiramente superior a dos homens, com 55,5%; mas na EaD elas representavam 66,6%

das matriculadas nessa modalidade. De acordo com os dados cedidos pelo Inep/Censo da Educação Superior, em 2012, a educação à distância no universo de matrículas no nível superior, detinha 16% de participação, dentre essa porcentagem, as mulheres ocupavam 11% de matrículas e os homens, apenas, 5%. A partir desses dados é possível observar a maior presença das mulheres no ensino superior e, em diferentes modalidades de ensino, como na EaD. Barreto (2014) aponta uma hipótese que poderia explicar esse fenômeno. Ela está relacionada à divisão sexual do trabalho, pois, mesmo que as mulheres alcancem níveis mais elevados de estudo, elas ainda estão mais presentes em cursos ligados aos cuidados com pessoas, além de serem as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e dos cuidados com a família.

De acordo com os dados divulgados pelo IBGE (2013)⁴, as trabalhadoras brasileiras que vivem a realidade da dupla jornada (tarefas domésticas e de trabalho) são de 88%, e para os homens, o percentual é de 46%. As mulheres acumulam, em média, o dobro de atividades domésticas a mais que os homens, somando as atividades domésticas com a jornada profissional, as mulheres acumulam cinco horas a mais de trabalho em comparação com os homens. Esse fato explica o porquê a modalidade EaD se torna mais atraente para elas, visto que trata-se de um processo mais flexível. Além disso, nos anos 1990, com a mudança na legislação referente aos requisitos para atuação na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, não somente os cursos EaD na área de educação aumentaram como muitas mulheres que já atuavam no magistério podem ter retornado aos estudos – sejam na modalidade presencial ou EaD.

A fim de esclarecer os leitores, descrevo os passos que pretendo seguir até a conclusão deste trabalho. No Capítulo 1, faço uma revisão teórico-histórica da Sociologia da Educação, com enfoque na expansão, diversificação e democratização do ensino superior no Brasil. No Capítulo 2, sinalizo os caminhos teórico-metodológicos que utilizei durante a minha investigação: apresento um pequeno resumo da pesquisa realizada pela minha orientadora, Professora Gabriela Honorato, entre 2012 e 2014, com as primeiras turmas de cotistas do curso de Pedagogia da UFRJ, que acabou por motivar a produção deste trabalho; apresento aspectos relevantes sobre as minhas entrevistadas, por meio, de uma breve apresentação do perfil de cada uma delas; em seguida, apresento os eixos temáticos que foram levantados a partir das entrevistas realizadas com as estudantes do curso de Pedagogia da UFRJ, juntamente com a análise das respostas que foram obtidas. E, para finalizar, na Conclusão, faço uma síntese do

⁴ Ver BARRETO, 2014, p. 13.

trabalho, buscando responder às questões que foram levantadas inicialmente.

Capítulo 1 – Expansão e Democratização do Ensino Superior (no Brasil)

Para aprofundar no tema da importância do tempo na vida das mulheres universitárias e, em especial, das que precisam conciliar a rotina acadêmica com trabalho, filhos, marido, atividades domésticas e com todas as demais incumbências que permeiam a vida desse perfil de estudante, considero relevante contextualizar o leitor fazendo uma breve revisão histórico-teórica da Sociologia da Educação, focando na expansão, diversificação e democratização do ensino superior, como também nos recentes estudos sobre permanência e assistência ao estudante. Maria Alice Nogueira (1990) nos apresenta um excelente panorama histórico e do contexto social e político em que a Sociologia da Educação se constituiu como um campo de pesquisa. Segundo a autora, a ampliação do aparelho escolar no pós Segunda Guerra e a universalização do ensino secundário, nos países industrialmente desenvolvidos, fizeram com que os Estados Nacionais enfrentassem novos desafios para dar conta do planejamento, financiamento e organização dos sistemas de ensino.

No contexto do pós Segunda Guerra houve um longo período de expansão econômica, que só foi abalado em meados dos anos 1970, em decorrência de um novo ciclo de recessão. O período de bonança foi marcado pela montagem de aparatos e serviços estatais de proteção social (*welfare state*). “O intento dominante era o da promoção de igualdade social através da luta contra as desigualdades” (NOGUEIRA, 1990, p. 51), passando também pelo princípio da promoção da igualdade de oportunidades educacionais. Para tanto se chegar a este objetivo, acreditou-se ser necessário maior conhecimento sobre a realidade educacional e social no mundo ocidental. Na Europa e nas Américas um enorme volume de dados quantitativos começam a ser acumulados. Jean Claude Forquin (1995) reúne os resultados das principais pesquisas que, em linhas gerais, apontam para o peso das origens sociais dos/as estudantes quanto ao acesso ao sistema, à continuidade dos estudos, à evasão, aos desempenhos e até mesmo às aspirações familiares com relação ao futuro da prole.

Em decorrência das políticas de desenvolvimento econômico e da modernização tecnológica dos chamados Trinta Anos Gloriosos do Capitalismo, também foram desencadeados problemas em relação à necessidade de mão-de-obra qualificada, já que estavam postos os ligeiros avanços técnicos que demandavam a formação para ocupações/profissões administrativas, burocráticas, científicas, entre outras

especialidades. Sendo assim, instalou-se uma grande preocupação em relação aos recursos humanos. Além disso, Estados Unidos e (a ex) União Soviética travaram uma disputa militar de “gigantes”, onde para obter a supremacia tecnológica, era preciso investir em formação escolar, universitária e para o desenvolvimento científico. Entretanto, mesmo com todo o otimismo deste momento histórico, apoiado na crença de democratização da educação (e da sociedade), se chegou à década de 1960 em meio a um clima de revoltas sociais, onde conflitos vários se fizeram presentes, particularmente às reivindicações sociais estudantis, emblematizadas pelo famoso maio de 1968.

No que diz respeito ao quadro educacional, o crescimento expressivo das taxas de escolarização nos países industrializados na primeira metade do século XX até mais ou menos o final dos anos de 1960 foi resultado da fase próspera que as sociedades haviam passado. Esse fenômeno pode ser denominado de “explosão escolar”, tendo sido possível porque os Estados financiaram generosa e estrategicamente, através de recursos públicos, maiores oportunidades educacionais: estruturaram sistemas nacionais de educação; levaram escolas e possibilidades de se realizar matrículas nelas em todos os cantos dos territórios nacionais. Com o intuito de sanar as necessidades sociais e políticas de promoção de igualdade de oportunidades e do avanço tecnológico, com qualificação de mão-de-obra, houve muito investimento na modernização e na expansão dos sistemas de ensino, principalmente da escola secundária que seria a etapa propedêutica para o mercado de trabalho, e *a posteriori*, o ensino superior. Cabe ressaltar, entretanto, que cada país guarda consigo especificidades neste processo.

Mas, tal como foi apontado, no final dos anos 1960 surgem questionamentos e debates relacionados à real democratização das oportunidades sociais que os sistemas de ensino estariam promovendo. Nos Estados Unidos, por exemplo, neste mesmo período, foram implantados “programas de educação compensatória”, que visavam reparar as desigualdades escolares de certos grupos sociais, através de medidas pedagógicas e assistenciais de modo a compensar desvantagens materiais e culturais resultantes de um ambiente familiar pouco estimulante (NOGUEIRA, 1990). Entretanto, foram observados resultados muito aquém dos esperados por esses programas. Todas as medidas pareciam resultar na manutenção das desigualdades de oportunidades educacionais, efeito contrário ao que se desejava. Desse modo, a expansão dos sistemas não beneficiava igualmente a todos, e o mito da igualdade de oportunidades e da democratização do ensino passou, então, a ser fortemente proclamado bem como a visão da educação como investimento produtivo passou a ser questionada/desconstruída.

A expansão do ensino superior no Brasil se deu por meio do crescimento no número de instituições, cursos, vagas e matrículas. Na primeira metade do século XX o ensino superior passou a ser uma preocupação central, pois, ao passo que era reconhecida a sua relevância, entendia-se que através dele o Brasil poderia ser inserido no mundo moderno. De acordo com Sampaio (1991), esse processo de expansão foi iniciado nos anos 1960 e teve continuidade, com mais força ainda, nos anos 1970, resultado de muitas lutas travadas por docentes e estudantes durante o período da ditadura militar. Houve grande estímulo voltado para o setor privado, que acabou crescendo de maneira significativa. Sampaio (1991) aponta que em 1960, as matrículas na rede privada representavam 44,3% do total, e, nos anos 1980, essa porcentagem teve um salto significativo, indo para 63,3%. Isto reforçaria a tese de que o processo de democratização das oportunidades de acesso ao ensino superior no Brasil esteve/está condicionado à abertura de vagas na rede privada.

No final do segundo mandato do então Presidente Fernando Henrique Cardoso, de 1999 a 2003, houve um crescimento também muito significativo com a proliferação de instituições de ensino superior privadas, que possuíam autonomia para criar novos cursos e aumentar a oferta do número de vagas. Nos governos Lula e Dilma, o crescimento continuou, porém, num ritmo mais moderado, voltando-se mais para as políticas globais de inclusão social. Para mostrar o aumento no número de instituições de ensino superior criadas entre os anos de 1999 e 2012, apresento o Gráfico 1 abaixo. É possível visualizar os dados que expõem essa evolução, em 1991 havia 893 instituições; em 2012, 2.416 instituições. E já é possível perceber uma pequena diminuição de 2012 para 2015. Provavelmente, este dado indica a extinção de algumas instituições diante das últimas fusões e compras por outras (grandes) empresas ou grupos. A expansão também se deu nas matrículas: em 1991, o número total era de pouco mais de 1,5 milhões e, em 2012, esse número subiu para mais de 7 milhões.



Fonte: Elaboração própria a partir de Ristoff (2014) e INEP (2016).

Já no ano de 2015, dado mais recente disponível, o número de matrículas é de 8.027.297 (INEP,2016). A maior parte desse crescimento se deu através do setor privado e, nos anos de 1999 a 2003, o crescimento foi de 66%, o maior de todo o período, nos anos seguintes o crescimento foi mais vagaroso. Nos três últimos anos do governo Dilma, o setor público teve um crescimento maior no número de matrículas em relação ao setor privado. E, além disso, cabe observar, segundo Ristoff (2014), em 2012, 15% do número de matrículas nas IES pertenciam à modalidade de ensino EaD. Assim, com um número superior a oito milhões de matrículas nas IES brasileiras, *a priori*, pode-se pensar que o ensino superior no país alcançou universalidade. O ex-professor da Universidade de Berkeley, e referência no tema, Martin Trow⁵, aponta em seus estudos, que o ensino superior é considerado de elite quando tem até 15% da população jovem em idade apropriada com acesso ao ensino superior. Sendo assim, o Brasil ainda tem um ensino superior de elite, uma vez que apenas 15,1% da população de 18 a 24 anos estão matriculadas no terceiro grau (RISTOFF, 2014, p. 726).

Na classificação de Trow, o sistema com acesso entre 16% e 50% desta população é considerado de massa, e, somente de 30% a 50% é considerado universalizado. Portanto, para o Brasil ser considerado um sistema de massa, é preciso atingir 33% da população, que é a meta 12 aprovada pelo Plano Nacional de Educação (PNE)⁶ até o

⁵ A referência é TROW, 2005 (*apud* in RISTOFF, 2014, p. 726).

⁶ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/ Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em: 23 de jan. de 2017.

ano de 2024. Outro dado interessante em relação à expansão do ensino superior no Brasil é que se compararmos com os dados do Ensino Médio é possível perceber que houve um crescimento três vezes maior no ensino superior nos últimos anos (RISTOFF, 2014). Este fato pode estar levando a um movimento de se disponibilizar o acesso à educação superior de estudantes mais velhos, com mais de vinte e quatro anos, e não aquela população ideal – 18 a 24 anos – para que o sistema possa, de fato, se massificar. Se considerarmos as áreas de conhecimento da educação superior, a área de Educação é a que tem a maior idade média de estudantes: 29,4 anos. O curso de Pedagogia tem alunos/as com idade média de 31,1 anos (em 2015⁷).

A expansão do ensino superior nos últimos quinze anos está ligada a políticas para a inclusão dos grupos historicamente excluídos. É possível observar certa mudança no perfil dos estudantes do terceiro grau: primeira geração da família a nele chegar; estudantes oriundos/as de escolas públicas, afrodescendentes ou beneficiários de algum tipo de reserva de vagas. As medidas tomadas e os programas mais importantes criados foram o Programa Universidade para Todos (Prouni)⁸; o Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento das Instituições de Ensino Superior (Proies)⁹; o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação das Universidades Federais (Reuni)¹⁰; o Sistema de Seleção Unificada (Sisu)¹¹; o novo Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies)¹²; a “Lei de Cotas” nas Instituições Federais¹³; e, o Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes)¹⁴. Essas novas políticas não apenas

⁷ Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/idade-media-dos-estudantes-de-cada-curso>. Acesso em: 02 mar. 2017.

⁸ Instituído pela Lei Nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Oferece bolsas para estudante de baixa renda familiar (até 1,5 salário mínimo para bolsa integral e até 3 salários mínimos para bolsa parcial) em instituições privadas. As IES que oferecerem bolsas para esses alunos, ficam isentas de tributos.

⁹ Instituído pela Lei Nº 12.688, de 18 de julho de 2012, cujo objetivo é assegurar condições para continuidade das atividades de entidades mantenedoras de instituições de ensino superior, integrantes do sistema de ensino federal, através da aprovação de plano de recuperação tributária e da concessão de moratória de dívidas tributárias federais.

¹⁰ Instituído pelo Decreto Nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Sua meta era de dobrar o número de alunos/as nos cursos de graduação em dez anos, a partir de 2008, e permitir o ingresso de 680 mil alunos/as a mais nos cursos de graduação das Instituições Federais de Educação Superior (IFES).

¹¹ Criado pelo Ministério da Educação em 2010, com a finalidade de substituir o Vestibular tradicional nas instituições públicas de ensino superior, utilizando os resultados do Exame Nacional do Ensino Médio, combinados a um conjunto de ações afirmativas, como critério de seleção dos estudantes.

¹² Criado pela Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001, redefinido pela Lei nº 12.202, de 14 de janeiro de 2010. No ano de 2014, mais de 1.400.000 contratos foram assinados (RISTOFF, 2014, p. 727).

¹³ Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 (Lei de Cotas). Essa Lei estabelece que as IFES vinculadas ao Ministério da Educação deverão reservar, em cada concurso para ingresso nos cursos de graduação, por curso e em turno, no mínimo 50% de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o Ensino Médio em escolas públicas e que, no preenchimento dessas vagas, 50% deverão ser reservadas aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salários-mínimos *per capita*.

¹⁴ Apoiar a permanência de estudantes de baixa renda matriculados em cursos de graduação presencial nas IFES. Foi instituído pelo Decreto Nº 7.234, de 19 de julho de 2010. No mesmo ano da criação, foram

permitiram que mais alunos/as fossem matriculados/as nas IES como foram modificando o perfil dos/as estudantes no ensino superior no Brasil (RISTOFF, 2014).

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por exemplo, uma das maiores instituições federais do país, aderiu ao Reuni no seu próprio ano de criação, 2007; aumentou seu número de vagas, buscou ocupar aquelas vagas ditas “ociosas”, e também abriu vagas em cursos noturnos. Foi criado o *campus* de Macaé, o polo de Xerém e novos cursos. Heringer e Honorato 2014 apontaram em seus estudos que, na UFRJ, após aderir ao Reuni em 2007 e, em 2011, com a primeira turma de ingressantes pela reserva de vagas, os cursos de graduação de 67 passaram para 208, conseqüentemente, as vagas ofertadas de 6.625 saltaram para 10.406 e os ingressantes de 6.495 aumentaram para 11.962, contribuindo para o aumento no número de matrículas de 28.328 para 39.856. Entretanto, todo o processo que vem sendo vivido nesta instituição não se tem dado de forma “tranquila”, pelo contrário: com muito embate e discussão. Heringer & Honorato (2014) demonstram, por exemplo, que entre 2007 e 2012 seu Conselho Universitário aprovou 14 resoluções para dar conta da democratização do acesso.

Em relação à democratização do ensino superior, existem, entretanto duas questões que pertinentes à entrada dos/as “novos/as estudantes”: sua permanência na instituição (e conseqüente conclusão dos estudos) e a assistência estudantil. Em meio a esse debate, surgem demandas que estão ligadas às dificuldades materiais e culturais que os alunos acabam enfrentando quando ocupam seus lugares nas IES brasileiras. A socióloga Clarissa Tagliari Santos (2015), aponta em seu estudo, a questão das dificuldades e das estratégias que são desenvolvidas para garantir a permanência de alunos bolsistas do ProUni em instituições privadas da cidade do Rio de Janeiro. Ela destaca que a condição social desprivilegiada desses/as aluno/as, influenciam na continuidade de seus estudos. A situação econômica, que está ligada à compra de materiais de estudo (fotocópias, compra de livros, por exemplo); a alimentação durante sua permanência no *campus* e também o transporte, são fatores que influenciariam de forma negativa as possibilidades de permanência no curso e conclusão do mesmo.

Sendo assim, muitos/as estudantes são obrigados/as a elaborar estratégias próprias para tentar contornar tais dificuldades; outras seriam a utilização de livros da biblioteca, pegar livros emprestados, comprar livros de segunda mão. Uma estratégia interessante que os/as alunos/as se utilizam como forma de economia em gastos com alimentação e

destinados 304 milhões de reais ao Programa. Já no ano de 2014 foram 748 milhões de reais (RISTOFF, 2014, p. 724).

com transporte, é concentrar o maior número possível de disciplinas cursadas em um mesmo dia da semana. Desta forma reduziriam, significativamente, seus gastos. Existem relatos de que sua vida financeira tenderia a piorar após o ingresso no ensino superior, justamente por conta daqueles já mencionados. Um aspecto que se faz presente na vida da maioria dos/as estudantes beneficiários do ProUni na pesquisa de Santos (2015) é o trabalho, o que, por sua vez, acaba influenciando na escassez de tempo dos/as alunos/as universitários/as (tema central desse trabalho). Muitas vezes precisam entrar no mercado de trabalho, justamente para arcar com os custos que a vida universitária exige (materiais didáticos, alimentação, transporte etc.),

Já com relação aos alunos mais velhos, o trabalho parece ser uma obrigação familiar. Portanto, seria impossível abrir mão dessa atividade, o que acaba gerando obstáculos ainda maiores: muitas vezes, conflitos nas relações familiares. Outro aspecto está relacionado às atividades domésticas, cuidado com os filhos e, por último, a distância geográfica que muitos alunos enfrentam ao sair da sua residência com destino ao *campus*. Tais aspectos fazem parte da gama de dificuldades enfrentadas pelos estudantes universitários relacionadas ao TEMPO, e acabam comprometendo a continuidade dos seus estudos acadêmicos. A “falta de tempo” não interferiria somente nestes aspectos, mas também geraria dificuldades acerca da sociabilidade, uma vez que o/a estudante ficaria impedido/a de participar de eventos culturais, de festas, de aprofundar a relação com os/as colegas de curso, e até mesmo de permanecer mais tempo dentro da instituição: além das aulas, visitar espaços e eventos que ela oferece, como bibliotecas, frequentar grupos de estudos, entre outros.

Esta realidade acaba fazendo com que esses alunos/as, muitas vezes, apresentem dificuldades com o “trabalho acadêmico”. Com relação à escrita, por exemplo, seriam prejudicados ainda mais, visto que muitos/as alunos/as ficam um ou mais períodos, a mais da sua grade curricular, para escrever o trabalho de conclusão do curso (TCC) que é exigência para obtenção do tão sonhado diploma em muitos cursos.¹⁵ Segundo Coulon (1998), “a democratização do acesso ao ensino superior não foi acompanhada por uma democratização do acesso ao saber”, sendo assim, fica claro que é importante que o/a estudante aprenda a “jogar o jogo da universidade”. Mas para tal, é preciso passar o maior tempo possível na instituição: incorporar suas regras e sua cultura e até jogar com elas a seu favor; participar de grupos de pesquisas, fazer cursos de extensão, frequentar eventos, se sociabilizar com os/as colegas, entre outras atividades. Desta forma

¹⁵ Ver Souza (2017).

aproveitando ao máximo as oportunidades oferecidas, tenderia a melhor “afiliar-se” e, com efeito, a ter uma “permanência efetiva” na instituição.

Imersos nessa realidade, da falta de tempo, é comum que os/as estudantes tracem diferentes estratégias para tentar recuperar/compensar, de alguma forma, o tempo que deixaram de se dedicar aos estudos e, para isso, acabam fazendo leituras de textos em locais e horários alternativos, tais como no horário do almoço do trabalho e/ou dentro do transporte público, já que é uma realidade das grandes metrópoles – como é o caso da cidade do Rio de Janeiro – os longos e diários engarrafamentos, que acabam dobrando ou até mesmo triplicando o tempo de deslocamento de um local a outro. É comum também “matar” uma aula para estudar para alguma prova ou para fazer algum trabalho de outra disciplina; estudar durante as madrugadas também é uma das estratégias, já que nesse horário toda a família está dormindo e o silêncio permite maior concentração nos estudos. Sendo assim, o cansaço acaba tomando conta da vida fatídica desse/a estudante e acaba refletindo na vida acadêmica. No caso das mulheres, a situação seria agravada pelas funções sociais a elas instituídas.

Cardoso e Vargas (2015) abordam o tema da permanência dos/as estudantes de dois cursos que são completamente diferentes: Pedagogia e Engenharia Mecânica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada com estudantes desses cursos na Universidade Federal Fluminense (UFF). As autoras chegaram à conclusão que os/as alunos da Pedagogia possuem um perfil socioeconômico mais baixo em relação aos/às alunos/as do outro curso pesquisado. Essa constatação reforça a questão relacionada às dificuldades financeiras enfrentadas por esses/as “novos/as estudantes” e pelas estratégias que precisam ser elaboradas para dar continuidade aos seus estudos, isso fica claro quando as autoras colocam que os/as alunos de Pedagogia, mesmo obtendo bolsas, relatam maiores dificuldades de adaptação e permanência. Haveria uma maior distância separando estes/as estudantes das práticas e ritos da vida universitária. A escolarização prévia ou mesmo a vida familiar dos/as estudantes de Engenharia teria os familiarizado melhor com o ambiente universitário, dando-lhes maior “traquejo”.

Rebeca Ávila (2010) realizou uma pesquisa com 15 mulheres estudantes universitárias, trabalhadoras, com filhos e marido. Essas mulheres se dividiam em uma tripla jornada: trabalho remunerado, trabalhos domésticos e estudos. A autora as define da seguinte forma: “são mulheres donas de casa contemporâneas”, isto é, não estariam impedidas de se inserir no espaço universitário público, embora pertencentes às

camadas populares. Desse modo, essa inserção seria mais desgastante devido às circunstâncias desfavoráveis que vivenciam, agravadas por condições de vulnerabilidade e pobreza. Seriam conscientes de suas limitações e desafios; teriam consciência daquilo que gostariam de fazer e do que realmente é possível ser feito em suas vidas; estariam determinadas a se colocarem na sociedade não somente como vítima, mas como “sujeitos de sua própria experiência”. A partir da minha experiência enquanto aluna do curso de Pedagogia da UFRJ e do contato com a pesquisa de Ávila (2010), surgiu o interesse em me aprofundar mais nesse tema.

Desse modo, tratarei do acesso e da permanência de mulheres oriundas de camadas populares que também se dividem numa tripla jornada: são responsáveis pelo trabalho doméstico e pelo cuidado com os/as filhos/a; possuem ocupação profissional e são estudantes universitárias. Procuro aprofundar a questão da organização do tempo para lidar com todas as tarefas e ainda se dedicarem aos estudos, com um olhar sensível às estratégias por elas traçadas para concluir o ensino superior e obter o tão sonhado diploma de graduação. Meu interesse foi ainda acentuado quando da minha participação voluntária como aluna em iniciação científica na pesquisa “Introdução a uma ‘Sociologia dos Estudantes’: uma análise dos estudantes cotistas e bolsistas no curso de pedagogia da UFRJ”, desenvolvida com alunos ingressantes do curso de Pedagogia nos anos de 2011 e 2012, primeiras turmas de cotistas da UFRJ. No próximo Capítulo farei uma exposição desta pesquisa e de como acabou influenciando na produção deste trabalho, além de apresentar a minha própria investigação.

Capítulo 2 – A permanência na universidade: estratégias de estudantes, trabalhadoras, donas de casas, mães e esposas para lidar com o tempo

No ano de 2012, Honorato e Heringer, começaram a desenvolver uma pesquisa que foi intitulada de “Introdução a uma ‘Sociologia dos Estudantes’: uma análise dos estudantes cotistas e bolsistas no curso de pedagogia da UFRJ”. A priori, esta pesquisa seria voltada para os alunos ingressantes do curso de Pedagogia dos anos de 2011 e 2012, as primeiras turmas de cotistas da UFRJ, que cursaram o ensino médio em escolas públicas e que eram beneficiários do Programa de Auxílio ao Estudante da UFRJ (HONORATO & HERINGER, 2015, p. 14). Entretanto, *a posteriori*, as pesquisadoras observaram que seria mais interessante trabalhar com todos os ingressantes dos respectivos anos, o que permitiria maiores comparações entre diferentes perfis de alunos/as, por exemplo: cotistas e não cotistas, entre outros. A proposta visava contribuir para o aprimoramento das recentes políticas, para ajustes institucionais em geral e para os programas de permanência e assistência estudantil na UFRJ, em particular. As questões iniciais da pesquisa foram as seguintes:

Em que medida as políticas de democratização da educação superior estão contribuindo, de fato, para ampliar as oportunidades sociais de grupos populares? Que fatores têm limitado as chances de estudantes de origem popular ingressar no ensino superior, e, por outro lado, quais seriam aqueles que se associam às expectativas positivas de acesso/ingresso, permanência e conclusão dos estudos e inserção no mercado de trabalho? Considerando o caso específico do curso de pedagogia da UFRJ, o que identificamos?

Mediante esses questionamentos, para empreender a pesquisa, primeiramente, foi feito um levantamento bibliográfico, que contou também com debates realizados em encontros mensais do grupo de pesquisa; em seguida, foi feito um levantamento de dados sobre o acesso e a permanência nas instituições de ensino superior no Brasil em geral e também, especificamente, para o curso de pedagogia da UFRJ. O terceiro passo foi a elaboração de um questionário, seguido da realização de um pré-teste, e, finalmente, da aplicação do mesmo. Depois, os dados coletados foram inseridos no SPSS¹⁶ que gerou 173 variáveis para a pesquisa. O questionário abordou, entre outras, a seguinte área temática: “organização do tempo entre trabalho, estudos e tarefas domésticas”. A questão do TEMPO nessa pesquisa apareceu como uma das principais dificuldades para a permanência na universidade, mesmo entre aqueles/as alunos/as que

¹⁶ *Statistical Package for Social Sciences* (IBM SPSS ou, SPSS) trata-se de um software de uso científico, que sistematiza e faz análise de dados quantitativos.

não trabalhavam. Portanto, eu e minha orientadora, achamos que seria relevante aprofundar a questão do TEMPO neste trabalho monográfico.

Antes de trazer informações sobre cada uma das estudantes que foram entrevistadas, explicarei como defini o perfil das alunas, como tive acesso a elas e como foram realizadas as entrevistas. Escolhi realizar entrevistas semiestruturadas, utilizando um roteiro de entrevista como guia das perguntas, elaborado com auxílio da minha orientadora e da colega de turma, Mayara de Oliveira Souza. Nove alunas foram entrevistadas, todas graduandas do curso de Pedagogia da UFRJ. A escolha das entrevistadas se deu através do método de *snowball*, onde cada participante foi indicando outra para a entrevista. Praticamente todas as alunas aceitaram contribuir com a minha pesquisa; somente uma delas, precisou declinar do convite, pois, informou que naquele momento não teria tempo para ceder a entrevista, já que estava passando por sérios problemas familiares, relacionados à saúde. Entretanto, um mês depois, essa aluna entrou em contato, informando que poderia ser entrevistada, pois, infelizmente a pessoa havia falecido. Todas foram realizadas no segundo semestre de 2016.

As entrevistas foram marcadas de acordo com a disponibilidade de cada uma. No segundo semestre de 2016 eu estava ficando todos os dias da semana, o dia inteiro, na Faculdade de Educação da UFRJ, por conta de nove disciplinas que estava cursando. Sendo assim, minha disponibilidade para realização das entrevistas era grande. As entrevistas foram realizadas nos horários ociosos, nos intervalos das aulas, com duração média de 35 minutos; foram todas feitas presencialmente, no próprio *campus* do curso de Pedagogia da UFRJ, na Praia Vermelha, nas salas de aula, no Centro Acadêmico dos outros cursos que são oferecidos na Praia Vermelha, no “campinho”, que é um espaço aberto, com grama e árvores, no jardim e no restaurante que fica situado no “campinho”. As entrevistas foram gravadas em *smartphone* e armazenadas no *Dropbox*. Posteriormente, foram por mim transcritas. As abordagens foram feitas através de uma breve explicação em relação ao tema do trabalho, sobre o perfil selecionado para justificar o motivo do convite para entrevista.

O critério utilizado por mim na escolha do perfil das estudantes que foram entrevistadas buscou contemplar certa diversidade entre as alunas: idades diferentes; estudantes com filhos; mulheres comprometidas com a realização das tarefas domésticas; que tivessem uma ocupação profissional; que são casadas; que deveriam estar cursando os últimos períodos do curso; e, a distância que residiam do *campus* onde

estudam. Dentre todos os aspectos supracitados, parti da ideia de que eu poderia aceitar como uma possível informante alunas que se encaixassem em apenas um dos requisitos pré-estabelecidos; somente um desses aspectos já seria o suficiente para gerar uma série de obstáculos na vida de uma estudante universitária. Entretanto, esclareço que quase todas as mulheres que foram entrevistadas se encaixaram em mais de um aspecto mencionados; somente duas delas se encaixaram em apenas um dos aspectos. Especificarei, abaixo, quem foram as entrevistadas que aceitaram participar voluntariamente da minha pesquisa, com alguns aspectos que considero relevantes:

► **Entrevistada 1:** 22 anos; não é casada; não tem filhos; trabalha em dois locais como estagiária, sendo um deles na Casa da Ciência – UFRJ, cumprindo 20 horas semanais, e o outro, é numa faculdade particular, localizada no Centro da cidade, onde ela atua na área de gestão, cumprindo também 20h por semana. Está no oitavo período do curso de Pedagogia; ingressou no turno noturno, porém, em alguns momentos, precisou cursar disciplinas em outros turnos, mas estudou predominantemente no turno da noite. Nascida no sul, primeiramente ingressou na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA); queria ter ingressado no curso de Enfermagem, mas não conseguiu nota e decidiu entrar em qualquer curso, no curso que sua nota fosse aceita. Sendo assim, ingressou na Pedagogia, com o intuito de fazer transferência interna no segundo semestre do ano. Ela relatou que acabou gostando do curso que havia ingressado e nem tentou mudar, como havia planejado inicialmente. Depois pediu transferência para a UFRJ, pois, ela sempre teve o sonho de morar no Rio de Janeiro e acabou atendendo esse desejo quando completou a maioridade, já que seus pais não a apoiavam nessa decisão. Ingressou na UFRJ em 2013.1. Ela trabalha em dois lugares, justamente por não poder contar muito com a ajuda financeira da família e precisa se manter em outra cidade sozinha. Ela divide um aluguel com outro rapaz. Dessa forma as despesas são menores. Mora no bairro do Caju, região central do Rio de Janeiro, e leva em torno de uma hora para chegar ao *campus*, saindo da sua casa; utiliza ônibus.

► **Entrevistada 2:** 37 anos; é casada; tem duas filhas cujas idades são 10 e 14 anos; estava cursando o último período, 10º. Não trabalha. Ingressou no turno da manhã, porém, precisou cursar disciplinas em outros turnos também; apenas nos primeiros períodos ficou somente no turno da manhã. Moradora do município de Guapimirim/RJ, leva cerca de três horas e meia a quatro horas para chegar ao *campus* todos os dias. Mora com suas duas filhas e com seu marido. Antes de

ingressar na UFRJ a entrevistada estava cursando Letras – Português/Literatura à distância na Estácio de Sá, mas por ter engravidado precisou interromper os estudos. Ela relatou que o marido a inscreveu para fazer o Enem, por ela não teria nem feito a inscrição; acabou indo fazer a prova a contragosto, mas tirou nota boa no exame. *A priori*, queria ter entrado para Gastronomia, mas a nota era baixa e sua segunda opção foi a Pedagogia. Foi aprovada para fazer Pedagogia na UFRJ, passou em sexto lugar e resolveu cursar. No segundo semestre fez a inscrição no Sisu novamente, e conseguiu ser aprovada para Gastronomia. Entretanto, ela relata que se identificou muito com o curso que já estava fazendo e decidiu não abandonar; continuou seus estudos. Faz o seu trajeto de ônibus.

► **Entrevistada 3:** 34 anos; solteira; tem dois filhos: o mais novo tem 11 anos e o mais velho 14 anos. Os meninos já ficam sozinhos em casa para ela estudar. Está cursando o 12º período. Não trabalha. Ingressou no turno da noite e precisou fazer disciplinas nos outros turnos também. Mora no bairro de Inhaúma no Rio de Janeiro, com seus pais e seus filhos. Sua mãe está doente, com Alzheimer, e conta com seus cuidados. Sempre gostou da área da educação, tentou a UFRJ, conseguiu, e acabou atrasando a conclusão do curso por conta de demandas familiares. Demora em torno de 40 minutos para chegar à faculdade saindo da sua residência. Utiliza o metrô e o ônibus, fazendo a integração entre os dois.

► **Entrevistada 4:** 26 anos; casada; tem um filho de dois anos. Está cursando o 10º período. Mora na Taquara, bairro de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, com o marido e o filho. Ela não trabalha fora de casa; somente o marido que trabalha fora de casa. Estudava no Centro Universitário Unicarioca: fez três períodos no curso de Pedagogia lá, mas a cada período a mensalidade ficava mais cara e “*começou a pesar no bolso*”. Ela trabalhava o dia todo para custear a passagem e a mensalidade, ganhando R\$800,00 por mês. Mediante essa dificuldade, ela decidiu fazer o Enem e foi aprovada na UFRJ em 2012.1, no turno da manhã, mas durante a graduação, ela precisou estudar em outros dois turnos também. No momento da entrevista, ela estava cursando o último período e, concomitantemente, escrevendo sua monografia. O marido tinha alterado sua rotina para ajuda-la com os estudos. Ele está trabalhando apenas à noite para que fique os dias cursando as disciplinas de manhã e à tarde. Além disso, eles estão dividindo as tarefas domésticas “*para não ficar pesado*” para nenhum dos dois. Demora duas horas e meia, em média, para chegar à faculdade de educação,

saindo da sua residência; faz o trajeto de ônibus.

► **Entrevistada 5:** 22 anos; solteira; não tem filhos. Assumiu uma turma de educação infantil, como professora, no último período do curso. Encerrou as disciplinas em 2016.1, faltando apenas defender a monografia. Fez a sua defesa no início do mês de fevereiro de 2017. Estava no 10º período no momento da entrevista. Mora em Guadalupe/RJ, com seus pais e sua irmã. Fez o Enem, mas estava em dúvida de qual curso escolher; ela só sabia que queria ser professora. Sua dúvida foi entre Letras, Português/Espanhol, e Pedagogia. Foi aprovada nos dois cursos. Daí foi verificar os currículos e escolheu a Pedagogia. Quanto à UFRJ, ela não acreditava que iria ser aprovada nessa instituição, mas acabou conseguindo. Ingressou em 2012.1, no turno vespertino, porém, logo no segundo período, foi para o matutino, e depois, já no final do curso, chegou a cursar duas disciplinas no turno da noite. Ela divide as tarefas domésticas com o restante da família; todos colaboram. Utiliza o metrô e o ônibus, fazendo integração e gasta em torno de uma hora e meia a duas horas entre sua casa e o *campus*.

► **Entrevistada 6:** 24 anos; solteira; não tem filhos; está atuando como estagiária mediadora na rede municipal do Rio de Janeiro. Mora no bairro de Vicente de Carvalho no Rio de Janeiro, com sete pessoas, em casas distintas, mas no mesmo terreno. Escolheu o curso de Pedagogia, pois, já havia feito o Curso Normal no ensino médio, e, resolveu dar continuidade na área da educação. Optou pela UFRJ, pois a considera uma instituição de renome e de qualidade. Pretende seguir carreira acadêmica, realizando mestrado e doutorado. Ingressou em 2012.1. Não precisa fazer tarefas domésticas, pois, dispõe de uma empregada doméstica, que faz todo serviço de limpeza e prepara suas refeições. Utiliza o metrô e o ônibus; gasta em média 50 minutos no trajeto até a Faculdade de Educação. Estava cursando o 11º período do curso no momento da entrevista. Defendeu a sua monografia no 10º período, porém, tem de cumprir algumas disciplinas que faltaram, cursando mais um período; cumprirá todos os requisitos para se formar em 2017.1.

► **Entrevistada 7:** 36 anos; solteira; não tem filhos. Ingressou no turno vespertino, mas foi remanejada para o turno da manhã e nunca cursou nenhuma disciplina à noite. Mora na comunidade da Maré, bairro de Bonsucesso no Rio de Janeiro, com seus pais. Ela queria ser professora, mas não sabia direito qual curso

escolher; escolheu História e Pedagogia; foi aprovada em Pedagogia. Acabou escolhendo a UFRJ porque não tinha taxa de inscrição; fez pelo Enem e, deixou de prestar vestibular em outras instituições, como a UERJ, pois tinha que pagar a taxa de inscrição. Não é responsável pelas tarefas domésticas; apesar de não trabalhar, essa responsabilidade fica por conta da sua mãe que também trabalha fora de casa. Demora 40 minutos para chegar à Faculdade de Educação; utiliza o transporte público, metrô e o ônibus fazendo integração. Está no 12º período.

► **Entrevistada 8:** 23 anos; solteira; não tem filhos. Trabalha como professora concursada na rede municipal de Queimados/RJ. Após prestar concurso, foi convocada no seu segundo ano de curso, em 2013. Mora no município de São João de Meriti/RJ, com mais três pessoas: pai, mãe e irmã. Pedagogia foi à primeira opção; chegou a ter dúvida entre Pedagogia e Letras, mas por ter feito Curso Normal, acabou escolhendo Pedagogia, além de se identificar mais com o público infantil. Ingressou em 2012.1, no turno vespertino, estava no 10º período no momento da entrevista. Utiliza o transporte público (ônibus) para chegar à Faculdade, levando em torno de duas horas e meia, às vezes até três horas saindo do trabalho para a aula, trajeto esse que ela fez 95% do curso. Somente no final do mesmo que conseguia sair da sua própria casa e levava uma hora e meia, pois, por conta do estágio obrigatório, conseguiu modificar seu horário na escola que trabalha; passou a lecionar no turno da manhã, não mais à tarde como era antes.

► **Entrevistada 9:** 39 anos; casada; tem dois filhos: sua filha mais nova tem 12 anos e o seu filho mais velho tem 18 anos. Não exerce nenhuma atividade profissional fora de casa; é a responsável pelas atividades domésticas da sua casa; não conta com as pessoas que residem com ela para auxiliar nessas atividades. Mora no bairro da Ilha do Governador no Rio de Janeiro, com seu marido e seus dois filhos. Gasta, em média, uma hora e meia para chegar à Faculdade. Ingressou na UFRJ em 2012.1, no turno vespertino. Porém, precisou cursar a maior parte do curso no turno da noite, pois, não tinha com quem deixar seus filhos durante o dia. Escolheu a UFRJ, pois a considera uma instituição de “*peso*” e de renome. Pedagogia foi a sua primeira opção, já que sempre quis ser professora, além de ter se inspirado em excelentes professores que teve durante sua trajetória escolar. Participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Estava no 10º período no momento da entrevista.

No quadro a seguir (Quadro 1), apresento o roteiro utilizado nas entrevistas. Ele foi elaborado em parceria com a aluna do curso de Pedagogia da UFRJ, Mayara de Oliveira Souza, sob orientação da Profa. Gabriela Honorato. Sendo a falta de tempo uma variável que também nos permeava, optamos por realizar entrevistas com as mesmas informantes, e utilizando um único roteiro, para dois trabalhos monográficos diferentes, com questões distintas a serem pesquisadas e respondidas. Esclareço que esse roteiro serviu como. Mas durante as conversas, quando alguma entrevistada demonstrava a necessidade de falar mais sobre uma questão ou outra (que se mostrava importante para ela, e que estava relacionada às dificuldades com o tempo e permanência no curso) a conversa respeitava essa necessidade. E, esse maior aprofundamento, acabou contribuindo ainda mais para minha pesquisa. As representações de quem vive, de fato, as dificuldades, é de extrema relevância e deve ser levado em consideração na análise da permanência e/ou evasão do ensino superior.

Quadro 1

Roteiro de entrevista

- 1 - Idade; Período; Turno de ingresso. Permaneceu no mesmo turno?
- 2 - Quanto tempo gasta para chegar e voltar da FE?
- 3 - Onde mora? Com quantas pessoas?
- 4 - É casado(a)? Tem filho(s)?
- 5 - Se tiver filho(s), com quem seu filho fica enquanto você está na FE/Estágios/Trabalho etc.?
- 6 - Se for casado(a), seu cônjuge trabalha? Ajuda nas tarefas domésticas e a cuidar da(s) criança(s)?
- 7 - Seu cônjuge apoia seus estudos?
- 8 - Por que escolheu a Pedagogia/UFRJ?
- 9 - Como é a organização da sua semana, incluindo fim de semana? O que costuma fazer?
- 10 - Você costuma estudar fora das aulas na FE?
- 11 - Quando tem alguma avaliação, como você se organiza para estudar?
- 12 - Em semanas com mais de uma avaliação, você já deixou de ir a alguma aula/estágio/trabalho para poder estudar?
- 13 - Em qual cômodo da sua casa você costuma estudar? Você considera este espaço um ambiente propício para estudos? Você gostaria de estudar em outro local? Ter um outro espaço para estudar?
- 14 - Você acha que estuda o tempo suficiente para ter bom desempenho acadêmico? Por quê?
- 15 - Na sua casa, o que te ajuda a ganhar tempo?
- 16 - Você acha que a FALTA DE TEMPO é uma dificuldade para continuidade e conclusão dos estudos?
- 17 - Você gostaria de ter mais tempo para estudar? Por quê?
- 18 - Você gostaria de ter mais tempo para outras atividades? Se sim, para quais?
- 19 - Você já pensou em desistir do curso? Por quê?
- 20 - Você pensa que será possível concluir o curso? O que considera essencial para que o conclua?
- 21 - E a monografia? Você já tem orientador(a)? Como chegou até ele(a)?
- 22 - Já escolheu seu tema? Foi difícil escolher? Chegou a trocar em algum momento?
- 23 - Como foi/está sendo o processo de escrita da monografia?
- 24 - O que você sente em relação à monografia? Quais sentimentos e emoções?
- 25 - Você sentiu ou está sentindo alguma dificuldade? Quais? (formatação nas normas/ problemas de vocabulário/ lógica textual- introdução - desenvolvimento - conclusão/ língua portuguesa/ uso de conceitos e teorias/ leituras)...
- 26 - Você gostaria de destacar um ponto facilitador para escrever a monografia?

- 27 - Como você considera a sua relação com o(a) orientador(a)? Como acontece a orientação (presencial/e-mail/ redes sociais etc)? Está sendo positiva?
- 28 - A falta de tempo é uma dificuldade para escrever a monografia? Por quê?
- 29 - Quais disciplinas do curso são fundamentais para preparar para a monografia?
- 30 - Durante a graduação, qual disciplina mais contribuiu para a escrita acadêmica/monografia? Por quê?
- 31 - Qual tipo de trabalho pode contribuir para a escrita da monografia?
- 32 - Durante a graduação, você elaborou algum trabalho ou avaliação escrita individual? Qual/ quais? Lembra a frequência? (nenhum, poucos...)
- 33 - Você já recebeu uma devolutiva dos professores sobre os trabalhos individuais e/ou as avaliações dissertativas?
- 34 - Você acha importante ter a devolutiva do professor sobre as atividades de avaliação?
- 35 - Como você percebe a relação dos alunos, em geral, com a monografia?
- 36 - A orientação da sua monografia contempla os aspectos metodológicos? Você já sentiu dificuldades em relação a isso? É um impedimento para conclusão do curso?
- 37 - Você gostaria de ter algum apoio institucional para melhorar a escrita? Pode dar algum exemplo?

Destacarei, agora, alguns eixos temáticos que ficaram em evidência durante as entrevistas na relação com o tempo – que precisa ser dividido entre os estudos e as atividades acadêmicas, as atividades domésticas e os cuidados com os filhos e com a ocupação profissional de cada estudante universitária. Honorato & Heringer (2015) evidenciam que as dificuldades enfrentadas pelos/as estudantes universitários para permanecerem em seus cursos vão desde as financeiras, passando pela mobilidade urbana, e, pela conciliação entre trabalho, estudo, tarefas domésticas e cuidados com a família, chegando àquelas relacionadas à pouca participação na vida universitária (além de aulas), às dificuldades de adaptação à “autonomia” concedida pelos/as professores/as (num espaço de pouca “tutela”), e, finalmente, às dificuldades para lidar com o “trabalho acadêmico” (HONORATO & HERINGER, 2015, p. 25).

Os eixos temáticos são:

- 1) distância geográfica;
- 2) estrutura e apoio familiar;
- 3) sobrevivência e desempenho acadêmico;
- 4) atividades domésticas e trabalho;
- 5) estratégias de otimização do tempo.

Antes de detalhar cada eixo temático desse trabalho, abordo a questão das dificuldades que são enfrentadas pelas alunas da graduação, que são relacionadas com a falta de tempo, já que precisam dar conta de diferentes demandas, tanto na sua vida pessoal, na profissional e na sua rotina acadêmica. Sabemos que a vida de uma mulher que possui uma ocupação profissional e que tem obrigações relacionadas ao cuidado dos

filhos, das atividades domésticas, com o marido e/ou com outros familiares, como pai, mãe, irmãos, tios, avós etc. doentes, por exemplo, já não é uma rotina fácil e, além de tudo isso, no Brasil, muitas mulheres são as provedoras da casa; são responsáveis por pagar as contas e sustentar seus filhos etc. Sendo assim, a entrada na universidade, traz ainda mais desafios para a organização do tempo, que já é escasso. Adaptar-se a essa nova rotina, não é nada fácil, pelo contrário, é um grande desafio. Conciliar as atividades supracitadas, que já fazem parte da vida dessas mulheres, com todas as demandas que a rotina acadêmica exige, é muito complicado. Entre os/as “novos/as alunos/as” que estão ingressando no ensino superior, muitos/as deles/as são essas mulheres, que já possuem uma vida permeada de tarefas e obrigações, mas que mesmo assim não desistem do sonho de ingressar no nível superior, e de conquistar o seu diploma do terceiro grau. Mesmo assim, durante toda a trajetória acadêmica, muitos desafios são enfrentados por elas. Portanto, são desenvolvidas estratégias para auxiliar no planejamento e na organização do tempo, para viabilizar seus estudos na universidade.

Incluir mais uma obrigação à sua rotina, não é uma tarefa simples, exige um desgaste enorme, muito sofrimento em prol de um objetivo maior. A entrevistada 2 (E2), relatou que a dificuldade com a falta de tempo é um problema muito sério enfrentando por ela, mas, em contrapartida, ela busca utilizar outros meios, outras estratégias, para não evadir e não deixa que essa dificuldade seja um empecilho determinante para ter um bom desempenho acadêmico:

Erika: Você acha que a falta de tempo é uma dificuldade para a continuidade e conclusão dos seus estudos?

E2: Então, acho que não, né? Acho que eu sou prova disso. Então, acho que... É o que eu te falei antes, eu acho que se eu tivesse mais tempo...

Erika: Não é nem uma dificuldade?

E2: É uma dificuldade, mas não é uma barreira que vai ser determinante pra eu não concluir, pra eu não prosseguir. É difícil, atrapalha, mas não foi prejudicial pra mim. Mesmo com todas as dificuldades, tá indo.

Mesmo sabendo que existe a dificuldade com a falta de tempo, a estudante demonstra que a mesma não é determinante para a sua evasão do curso, pois, informa que estuda durante as madrugadas, para dar conta dos trabalhos acadêmicos e das provas, assim como também estuda no ônibus e ainda afirmou que durante a escrita da sua monografia, ela dormia apenas três horas por noite, pois, precisava do silêncio da casa, nas madrugadas, para conseguir se concentrar e terminar seu trabalho monográfico. A E2 tem duas filhas que precisam do seu cuidado diário e demandam

muita atenção durante o dia, como almoço, jantar e banho; também precisam de ajuda para estudar em casa. É trabalhoso arrumar as duas filhas para irem à escola, visto que cada uma estuda em um turno diferente. Portanto, essas foram algumas estratégias utilizadas por ela, para conseguir se manter na universidade, com um bom desempenho, com o rendimento sempre acima da nota oito, como ela mesma afirmou.

Nenhuma das entrevistadas relatou ter tempo e espaço próprio para os estudos; todas estudam em espaços improvisados e em horários nada convencionais. São horários e espaços que estão disponíveis de acordo com as possibilidades de cada uma delas, como relatou a E2, quando perguntei se ela tinha algum cômodo que considerasse propício para os estudos:

“ Então, às vezes até fico pensando nisso. Se eu tivesse acesso a um local para estudar, eu fico pensando se eu conseguiria acabar com esse problema de concentração, de só conseguir estudar na madrugada, entendeu? Porque, por exemplo, as minhas filhas, cada uma estuda num horário, então, quando uma não está em casa, a outra está. Então, não dá pra me concentrar. Eu costumo estudar na cozinha, e geralmente quando eu estudo de madrugada, todo mundo já está dormindo. Então, o meu lugar preferencial é na cozinha, eu gosto de estudar na cozinha, minha casa é grande e, eu tenho um quarto também que é um quarto que tem meu atelier, tem computador essas coisas, então, eu também vou pra lá às vezes, mas, preferencialmente, eu fico na cozinha”.

Quanto aos textos indicados pelos professores das disciplinas cursadas, nem sempre se tem o tempo disponível para leitura; são feitas leituras picadas, entre uma aula e outra, ou no horário de almoço, dentro do ônibus, ou, até mesmo dentro da condução que a estudante faz o percurso da universidade até a cidade onde reside.

2.1 – Distância geográfica

A mobilidade urbana foi um dos aspectos mais comentados durante as entrevistas realizadas com as mulheres universitárias. As nove alunas entrevistadas residem longe do *campus* da Praia Vermelha, onde funciona o curso de Pedagogia da UFRJ. Durante a conversa, muitas mulheres informaram que receber algum tipo de bolsa da Universidade era fundamental para arcar com os custos do transporte público. Das nove alunas entrevistadas, oito recebiam algum tipo de bolsa da UFRJ ou a ela vinculada, e, apenas uma delas, não recebia nenhum tipo de bolsa, pois, é professora concursada do Município de Nova Iguaçu. Entretanto, vale ressaltar que em 29 de janeiro de 2014, o Decreto nº 38.280 instituiu o passe livre universitário e ampliou os benefícios aos

estudantes de baixa renda da rede pública de ensino e dos beneficiários do ProUni¹⁷. Mesmo com o bilhete único universitário, nem todas as alunas tiveram direito a esse benefício, pois, não basta ser estudante da rede pública de ensino para ter acesso ao bilhete único universitário; apenas alunos que residem e estudam no Município do Rio de Janeiro tem direito. Portanto, receber alguma bolsa da universidade, continua sendo fundamental para custear a passagem, e comprar os materiais de apoio, como fazer fotocópias, comprar livros etc. A E3 evidenciou isso com a seguinte frase: “Sem bolsa, não sei como seria”. Lembrando que todas as entrevistadas estão nos últimos períodos e, durante dois anos inteiros, já que a maioria ingressou em 2012.1, esse benefício ainda não existia, logo, sem a bolsa, provavelmente, algumas delas poderiam ter evadido por condições financeiras.

Quatro das estudantes entrevistadas iam à Faculdade de ônibus, cinco utilizavam o metrô e o ônibus, fazendo a integração nessas duas conduções. Apenas três dessas estudantes levavam menos de uma hora para chegar ao *campus* da Praia Vermelha; o restante utilizavam em média de uma até três horas e meia (já que uma delas reside em Guapimirim), e isso somente no trajeto de ida, pois, esse tempo dobra se for contar com seu retorno para casa. A E2 relata o fato na seguinte fala: “*Eu moro em Guapimirim, perto de Teresópolis, no Estado do Rio, é considerado interior e, eu levo três horas e meia a quatro horas pra chegar à universidade*”. Nenhuma das entrevistadas utiliza carro como meio de transporte para ir à Faculdade.

O valor atual da passagem de ônibus é de R\$3,80¹⁸ (três reais e oitenta centavos), a tarifa dos ônibus de integração intermodal Ônibus-Metrô é de R\$5,55¹⁹ (cinco reais e cinquenta e cinco centavos). Para estudantes que residem em São Gonçalo, Niterói ou adjacências, a tarifa das barcas saindo da Praça Arariboia (Niterói) com destino à Praça XV (Rio de Janeiro) é de R\$5,90 (cinco reais e noventa centavos), utilizando o bilhete único, o valor é de R\$5,00²⁰ (cinco reais), um valor ainda mais caro. Entretanto, as estudantes tem a opção de utilizar o bilhete único intermunicipal cuja tarifa é de R\$8,55²¹ (oito reais e cinquenta e cinco centavos): inclui ônibus + barcas, ou dois

¹⁷ Disponível em:

<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4800832/4138119/DECRETO_38280_DE_29_DE_JANEIRO_DE_2014.pdf>. Acesso em: 02 de mar. 2017.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.rioonibus.com/servicos/tarifas/>>. Acesso em: 03 de mar. 2017.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.rioonibus.com/servicos/tarifas/>>. Acesso em: 03 de mar. 2017.

²⁰ Disponível em: <<http://www.grupoccr.com.br/barcas/linhas-horarios-tarifas>>. Acesso em: 03 de mar. 2017.

²¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/bilhete-unico-intermunicipal-do-rj-tera-reajuste-dia-13-de-fevereiro.ghtml>>. Acesso em: 03 de mar. 2017.

ônibus, municipal + intermunicipal. A utilização do bilhete único intermunicipal representa uma economia significativa em comparação com as tarifas normais de cada meio de transporte. O valor da tarifa do ônibus intermunicipal (Niterói – Rio de Janeiro, linha 740D da empresa 1101, por exemplo) custa R\$8,20²², ou seja, quase o valor total do bilhete único intermunicipal que faz integração com o ônibus de Niterói ou São Gonçalo, por exemplo, cuja passagem custa R\$4,25²³ (quatro reais e vinte e cinco centavos). Se somar as duas tarifas, terá um total de R\$12,45 (doze reais e quarenta e cinco centavos), esse valor para ida e mais esse mesmo valor para voltar, totalizando R\$24,90 (vinte e quatro reais e noventa centavos), por dia. Utilizei esse exemplo, pois, fiz esse trajeto durante cinco anos da minha vida, para estudar na UFRJ. Utilizando o bilhete único intermunicipal a despesa diária de passagem cai para R\$17,10 (dezessete reais e dez centavos), uma economia significativa para essas estudantes que residem mais longe do *campus* universitário e não tem o direito de utilizar o bilhete único universitário gratuito, já que é municipal.

É importante destacar que o bilhete único universitário apresenta problemas recorrentes de invalidez, mesmo quando os usuários estão com o cadastro de renovação em dia. Infelizmente, muitos/as alunos/as relatam que sempre andam com o dinheiro da passagem no bolso, porque é comum o bloqueio do cartão, sem nenhum tipo de aviso prévio.

2.2 – Estrutura e apoio familiar

A rede de relações das mulheres universitárias é de extrema relevância para elas, pois, durante as entrevistas, a todo o momento, em diferentes falas, as mulheres demonstravam que suas ações, seus afazeres e, até mesmo, seus objetivos, se davam em função das pessoas que compõem suas redes de configuração. Isso fica claro, quando a E2 foi questionada se gostaria de ter mais tempo para se dedicar a outras atividades. Ela disse a seguinte frase:

“A questão de eu morar longe, é um empecilho muito grande para mim. Eu queria muito fazer um curso de línguas, eu queria fazer mais coisas, queria fazer um curso de extensão, aproveitar mais o que a universidade tem pra me oferecer, mas, por eu morar muito longe e por ter duas filhas, eu acabo deixando esse tipo de coisa de lado, porque cada hora a mais que eu tenho aqui, é uma hora que eu perco com as

²² Disponível em: <<http://onibusnorio.com.br/wp/index.php/tarifas-e-precos-de-onibus-rj-passagens-intermunicipais-e-locais-rio-ita-evanil-rio-minho-regina/>>. Acesso em: 03 de mar. 2017.

²³ Disponível em: <<http://onibusnorio.com.br/wp/index.php/tarifas-e-precos-de-onibus-rj-passagens-intermunicipais-e-locais-rio-ita-evanil-rio-minho-regina/>>. Acesso em: 03 de mar. 2017.

minhas filhas e com a minha família. Então, mesmo sabendo que isso aqui é um investimento para o futuro delas, entendeu?... Toda a minha dificuldade que eu passo é por elas, pra elas”.

Rebeca Ávila (2010, p. 30-31) explica como é composta a rede de configuração:

“Entenda-se como rede de configuração toda a rede de inter-relações vivenciadas pelos sujeitos sociais e aqueles outros sujeitos que com eles interagem, seja no espaço público do contexto de trabalho, do contexto de estudo e do contexto familiar alargado ou no espaço familiar privado do domicílio de residência. Faz parte do contexto familiar alargado toda a comunidade parental que não faz parte do núcleo familiar domiciliar: avós, pais, tios, primos, sobrinhos, cunhados, amigos etc. Para Lahire (1997), a explicação do conceito de configuração social fundamenta-se na percepção de que os indivíduos são, antes de tudo, “seres sociais que vivem em relações de interdependência”. Assim, a rede de relações de interdependência humana é forjada pelo conjunto dos diferentes elos que interligam as relações entre os sujeitos-sociais. Os diferentes espaços que os sujeitos ocupam nessa relação de interdependência lhes conferem também diferentes tipos de capitais e recursos que podem estar ligados às suas posições sociais atuais, como também a posições ocupadas anteriormente por eles ou por algum de seus ancestrais no interior de outros tipos de configurações sociais”.

Uma questão que ficou em evidência durante as entrevistas, e que tem a ver com a estrutura e o apoio familiar das alunas, diz respeito à ajuda que elas sempre receberam dos seus maridos e dos parentes mais próximos em relação aos cuidados com seus filhos, nas horas que estavam ausentes de casa, seja na universidade ou em seus respectivos trabalhos, também sobre atividades que pessoas da família realizam, pois, fazia com que elas economizassem mais tempo no seu dia a dia. A E8 demonstra a importância da ajuda que recebia da sua família, que a faz ter mais tempo para estudar e realizar outras atividades, ou, até mesmo, dormir por mais horas, já que a vida de universitária e de professora é bastante corrida:

“Eu acho que o que me ajuda a ganhar tempo, é o apoio que eu tenho da minha família. Os meus pais me dão muita força pra fazer essa graduação, minha irmã também, então, eles me ajudam, entendeu... coisas da escola, do meu trabalho que eu tenho que fazer. Às vezes tem que comprar alguma coisa, dia das crianças. E, às vezes, de ter que comprar alguma coisa, ou fazer alguma coisa de recorte e colagem, imprimir, é... eles vão me ajudando nessas coisas assim. Então, isso acaba fazendo com que eu ganhe tempo, que é o apoio da família, o apoio de quem está do seu lado faz toda a diferença”.

Sendo assim, para além da ajuda financeira que recebiam de seus maridos e dos seus

parentes, o que mais fazia a diferença para essas estudantes era o apoio familiar que recebiam; poder deixar seus/as filhos/as com pessoas próximas, que são de confiança, como mãe, marido, irmã etc. fazia toda a diferença para elas. A E4 relata que seu marido até mudou a sua rotina para apoiá-la nos estudos, disponibilizando seu dia, trabalhando à noite para cuidar do filho do casal:

“Por conta do nascimento do Luiz, meu marido teve que se adaptar. Ele trocou de trabalho, pra ele ficar com o Luiz a manhã inteira e à tarde também. Ele sai pra trabalhar às 17h30m e, quinta-feira, eu tenho aula à tarde e pela noite e hoje é a folga dele na semana, então, ele fica com o Luiz tranquilo. Mas tem quinta-feira que ele trabalha, aí, a gente deixa com a minha irmã, a partir das 17h30m minha irmã chega e fica com o Luiz até eu chegar, por volta de dez horas da noite”.

2.3 – Sobrevivência e desempenho acadêmico

No geral, as estudantes que foram entrevistadas, relataram que possuíam um ótimo desempenho acadêmico, eram bastante exigentes com seu próprio rendimento, se cobravam o tempo inteiro e, nunca achavam que estudaram o suficiente. A E1 relatou ter oito notas 10 no seu histórico. A E6 já havia defendido sua monografia e foi aprovada com nota 10, revelando ser uma estudante dedicada e comprometida com os estudos acadêmicos. Em uma das entrevistas a estudante revelou nunca ter ficado com seu coeficiente de rendimento (CR) menor que 8. Mesmo com todas as dificuldades e obstáculos enfrentados por elas, estão sempre em busca de estudar durante algum tempo do seu dia, por menor que seja essa brecha, a vontade de se apropriar dos conhecimentos que são pertinentes à sua futura profissão é enorme.

Como estratégia de sobrevivência no espaço acadêmico as alunas procuravam se dedicar e aproveitar ao máximo o tempo que estavam na sala de aula, debatendo junto à turma e recebendo maiores explicações sobre o assunto estudado. Mesmo tendo a intenção de estudar em outros espaços que não à sala de aula, muitas vezes esse desejo foi atropelado: elas acabavam não conseguindo ler o texto pedido pelo/a professor/a, por exemplo. Portanto dedicação total às aulas (e não em outros momentos) se mostrou como uma estratégia importante para não ficar aquém do restante dos/as alunos/as.

A frequência às aulas também é uma questão importante; como essas mulheres eram responsáveis por seus filhos, maridos e outros familiares que muitas vezes estão enfermos, faltar à aula por motivos tolos, não fazia parte de suas rotinas. Elas têm consciência de que a qualquer momento um/a filho/a pode acabar ficando doente, ou qualquer outra pessoa próxima, exigindo a presença delas, impedindo, então, que a

mesma esteja presente na aula. Assim, faltar se tornava última opção. Sem contar que, pelo fato de estarem sempre na correria, elas mesmas poderiam adoecer e acabar precisando ficar em casa ou ir ao hospital procurar ajuda médica.

2.4 – Atividades domésticas e trabalho

As atividades domésticas foram classificadas pelas estudantes universitárias, que tinham compromisso diário com elas, como “*um trabalho sem fim*”. Elas relataram que, por mais que se dedicassem às atividades como lavar louça, varrer a casa, tirar o pó dos móveis, fazer comida, manter o banheiro e os demais cômodos limpos e organizados durante a semana, elas nunca acabavam: “*é um serviço que não rende*”. Estas foram consideradas tarefas “*básicas*”, pois, as tarefas ainda mais trabalhosas, que demandavam mais tempo ainda, acabavam sendo deixadas para o final de semana, como lavar e passar roupas, fazer faxina em todos os cômodos da casa, assim como na área externa também. As tarefas “*mais pesadas*” acabavam sendo acumuladas juntamente com os trabalhos acadêmicos que também demandavam mais tempo, como elaborar um trabalho para ser apresentado, fazer algum tipo de relatório exigido pelos professores, ou, até mesmo, estudar para eventuais provas, que muitas vezes acabavam coincidindo com mais de uma na mesma semana.

Mediante essa realidade, essas mulheres continuam “*sob pressão*”, mesmo nos finais de semana. O lazer acabava ficando em último plano. Algumas relataram que às vezes era necessário deixar de ir a algum evento familiar, como festa de aniversário, por exemplo, pois, a necessidade de estudar para alguma prova que seria aplicada na semana era muito grande, ou, quando seria preciso cumprir algum prazo dado por professores para a entrega de trabalhos acadêmicos. Algumas das entrevistadas também falaram sobre a necessidade de frequentar a igreja, principalmente, aos domingos. A E8 discorre sobre essa questão e diz que precisou se afastar de algumas atividades que se dedicava anteriormente à sua entrada no mundo universitário e na vida profissional, pois, não dispunha mais do mesmo tempo que tinha antes:

“Além de eu ter desejado ter mais tempo pra estudar sim, eu queria ter mais tempo pra estudar porque eu queria me aprofundar mais, né... eu queria ter mais tempo pra fazer as outras atividades sim também. Hoje olhando assim, o total desses cinco anos, eu vejo que eu vivi muito assim pra UFRJ e para o trabalho, nessa minha ânsia de conciliar e de não fazer nada ruim, né... e sim de tentar fazer o melhor que eu poderia fazer em cada uma das três esferas, estágio, universidade e trabalho, às vezes acabei abdicando muito de lazer, né... e isso me acarretou alguns problemas ao

longo do curso, problemas de ansiedade, problemas de muito cansaço, de estafa... então, eu gostaria de ter tido mais tempo pra poder me dedicar a alguma atividade física, poder ter mais tempo com amigos, às vezes passear... e, também nas atividades da igreja, que eu era professora lá, de escola bíblica e tudo mais, eu tive que dar uma afastada pra eu conseguir dar conta disso tudo”.

Todas as atividades domésticas demandavam um tempo bastante significativo na rotina das estudantes universitárias, até mesmo nos finais de semana. Em relação às mulheres que acumulavam a tripla jornada – atividades domésticas e cuidados com os filhos, ocupação profissional e a vida universitária, a questão da falta de tempo era ainda mais agravada, pois, o tempo que se tinha para se dedicar aos estudos era ainda mais escasso. A limpeza da casa, assim como as refeições que precisavam estar preparadas nos seus respectivos horários, era, na maioria dos casos, obrigação das mulheres. Dentre as entrevistadas, apenas uma delas contava com a ajuda de uma diarista, que ia à sua casa três vezes na semana. Porém, ela só cuidava da roupa e, de vez em quando, preparava alguma refeição.

Na pesquisa realizada com estudantes do curso de Pedagogia da UFRJ por Honorato & Heringer (2015), Honorato (2015) evidenciou que:

“[...] No caso da *Pesquisa da Pedagogia*, o trabalho não é o único entrave para a “falta de tempo”. Questões próprias “de gênero”, como o cuidado com a casa, os filhos e a família (de modo geral) incidiriam sobre as dificuldades para permanecer estudando. Mas, o que parece, é que a universidade (ainda) não percebeu a presença desse tipo de dificuldade, ou então, como coloca Ávila (2010), sua presença até mesmo incomode a outros alunos, professores, funcionários e gestores” (HONORATO, 2015, p. 128).

Durante o processo das entrevistas, pude observar que as estudantes, mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas diariamente na trajetória acadêmica, demonstram orgulho por estarem próximas do fim do grande desafio que foi cursar uma graduação em uma instituição pública e de renome, como a UFRJ. Entretanto, em meio aos relatos, muitas demonstraram que se sentiram em desvantagem em relação aos estudantes que tinham mais tempo para se dedicar aos estudos acadêmicos e, também, às outras atividades que a universidade oferece, tais como: cursos de extensão, iniciação científica etc. Para tentar diminuir essa diferença, algumas alunas tomaram conhecimento que poderiam adquirir alguma bolsa e, conseqüentemente, largaram seus empregos, passaram a ganhar bem menos, mas abrir mão disso traria uma vantagem que não se pode comprar, passar mais tempo na universidade, manter um contato mais

próximo com os docentes e com os colegas de curso seria uma atitude vantajosa para o “jogo da universidade”.

2.5 – Estratégias de otimização do tempo

As diferentes estratégias traçadas pelas estudantes universitárias, foram desenvolvidas para otimizar seu tempo, para “*ganhar tempo*”. Saber utilizar bem seu tempo foi uma prioridade que os depoimentos revelaram. As estudantes contaram que todo o tempo era precioso; elas tinham a sensação de que estavam sempre ocupadas, mesmo quando não estavam exercendo, de fato, nenhuma das atividades que incluíam a tripla jornada, pois, o sentimento de culpa estava sempre presente, já que sempre existia alguma atividade pendente a ser feita, seja ela em qualquer uma das esferas. Entretanto, foram citados os textos que são indicados para leitura em todas as aulas das disciplinas cursadas. Raramente algum/a professor/a não exigia uma leitura prévia sobre o tema que seria tratado na aula seguinte, sendo assim, elas sempre tinham que ler algum texto ou livro.

Dentre as estratégias mais citadas por elas, e até parece ser uma unanimidade entre as estudantes universitárias, estudar dentro dos coletivos era o fato mais frequente. Pois, se passava muito tempo nos transportes públicos e, para otimizar esse tempo, leituras eram feitas, estudavam para as provas, assim como também utilizavam esse tempo para descansar, dormir um pouco mais, já que o cansaço era muito grande, devido ao número de obrigações diárias enfrentadas por elas.

O relato de uma das entrevistadas chamou bastante à atenção. A E3 desabafou sobre a sua vida, pois estava com a incumbência de cuidar da sua mãe, que estava doente, com Alzheimer e, não podia contar com ajuda de nenhum outro familiar, nem mesmo a ajuda do seu próprio irmão, além de cuidar dos seus dois filhos, sozinha; sem nenhuma ajuda, cuidava da sua mãe doente e do seu pai que também era idoso. Desta forma, ela relatou que era praticamente impossível dedicar-se aos estudos quando se está “*dentro de casa*”. Como estratégia para tentar terminar a escrita da sua monografia, ela contou o seguinte: “Estou pensando numa estratégia para sair de casa e escrever. Pensei em ir para o Centro Cultural do Banco do Brasil. Já fui uma vez”.

Na dissertação de mestrado da Rebeca Ávila (2010), a máquina de lavar roupa foi destacada como o objeto mais útil, que poupa bastante tempo, pois, enquanto a máquina está lavando uma quantidade significativa de roupas, a mulher está exercendo outra atividade concomitantemente. Além da máquina de lavar, outros objetos foram citados

como “aliados” na busca de otimizar, poupar tempo. São eles: micro-ondas, computador, multiprocessador e o acesso à Internet. A E4, também destacou a televisão e o aparelho de DVD como objetos que auxiliaram na otimização do seu tempo. Por ter um filho de dois anos, ela fez o seguinte desabafo:

“A própria TV, porque quando eu coloco... à vezes, pode parecer ruim, mas, eu coloco “Patati Patatá” para o Luiz, é um jeito de prender a atenção dele e eu poder estudar um pouco mais, então essas coisas me ajudam”.

Dentre as estratégias citadas, muitas se repetiram nas entrevistas, como estudar dentro do ônibus, estudar nos horários ociosos entre uma aula e outra, assim como também estudar dentro da sala de aula para outra disciplina. A E1 contou que nunca teve coragem de “matar” uma aula para dedicar aquele tempo para estudar para outra disciplina, pois, sua estratégia era estudar para a outra disciplina dentro da sala de aula mesmo. Para ela, era melhor estar de corpo presente na aula do professor, somente para ganhar presença, mesmo que sua mente não estivesse ligada no assunto discutido naquele momento. Entretanto, destaco aqui, que esse relato foi único, pois, todas as outras entrevistadas relataram que já “*mataram*” aula para estudar para alguma prova, ou para fazer algum trabalho e, até mesmo, para cumprir horas nos estágios obrigatórios do curso de Pedagogia.

Já sabemos que estudar dentro do transporte público foi destacada como uma prática recorrente de todas as entrevistadas, mas o aparelho celular também seria um grande aliado dessa prática. Além de economizar dinheiro, que também é um aspecto apontado como uma dificuldade para se manter no curso, os textos que são indicados para leitura, muitas vezes estão disponíveis em arquivo digital. Sendo assim, as alunas estudavam dentro do coletivo e também em outros lugares, quando possível, através do seu próprio aparelho celular. Seria uma vantagem também em relação à praticidade que envolve não ter que carregar muitos papéis, contribuindo com a própria saúde, evitando o sobrepeso, além de se tratar de um objeto pequeno que é mais fácil de ser segurado enquanto estão dentro do ônibus, em pé, estudando.

A E5, falou sobre a importância de estudar durante a madrugada, pois, somente nesse horário sua casa estaria mais silenciosa, já que a dificuldade de se concentrar com barulhos era grande.

E5: “A minha casa ela é muito... eu moro com mais três pessoas, minha irmã trabalha né, durante o dia, mas durante o dia, geralmente, eu também estou fora de casa, então, à noite é o momento que a minha casa está mais cheia assim... e, por

mais que as pessoas me deem força pra estudar, claro, né, queiram o meu melhor e tudo mais, não rola esse comportamento diferenciado por eu estar estudando. Então, se, por exemplo, minha mãe está na sala, vendo televisão, por mais que eu peça pra ela abaixar o volume, ainda consigo escutar e, eu, sou um pouco difícil assim pra me concentrar, né. Eu preciso do silêncio, é uma coisa minha assim, eu preciso do silêncio pra eu estudar, às vezes, eu coloco uma música bem baixinha, mas, por exemplo, se eu colocar uma música baixinha e na sala, eu ainda estiver ouvindo o barulho da televisão, aí, não rola mesmo. Então, quando eu tenho... eu fiz a prova do mestrado recentemente, eu tive que colocar meu celular pra despertar três horas da manhã, aí eu ia pra sala lá de baixo, a sala que eu janto e, estudava, porque lá eu estou sentada, eu estou com a mesa e tudo mais”.

Com o intuito de finalizar este capítulo, abordo agora a questão do sentimento de culpa que faz parte da realidade dessas mulheres universitárias. Em meio a tantas conversas durante as entrevistas, a tantos desabafos de como são obrigadas a agirem na tentativa de “*dar conta*” de todas as esferas, o sentimento de culpa aparece recorrentemente nas falas. Esse sentimento tem a ver com as cobranças que lhes eram feitas a todo tempo; é como se tudo o que fizessem, nunca fosse o suficiente; haveria a sensação de que sempre deixam a desejar em algum aspecto. A incompreensão da família, em diversos momentos, também faria parte dessa realidade, ao passo que incentivaria esse sentimento. Falta essa compreensão por parte da família, esse entendimento em relação ao tempo que precisa ser dedicado aos estudos, ao tempo que se passa fora de casa etc. O trecho a seguir, demonstra claramente isso:

“O misto de sentimentos negativos que as mulheres sentem em relação às diferentes cobranças que lhes são impostas pela família é motivo de sofrimento e estresse emocional. O estresse emocional tem sobre elas um efeito pior do que aquele que advém do esgotamento físico, pois provoca um sentimento de culpa duradouro. [...]”
(ÁVILA, 2010, p. 107).

A preocupação das mulheres que são mães, em relação ao tempo que se passa distante dos seus filhos, foi a questão mais presente nas conversas. Nos relatos havia um sentimento de que estavam perdendo um tempo que não poderia ser recuperado. Mas todo esforço para estudar, em busca de um futuro melhor, seria suportado para o próprio bem da família. Mesmo assim, seria um fardo pesado demais que essas mães carregam. Esse sentimento de culpa só não seria maior porque sabiam que aquela situação era temporária. Existia também o sentimento de esperança de que um dia, todo o sacrifício suportado será revertido em estabilidade, segurança: um bem maior para toda sua família.

A enorme quantidade de tarefas e preocupações que essas mulheres carregam dentro de si, faz com que elas em muitos momentos sejam rudes com seus filhos quando estão em casa, junto deles. Não é fácil viver, dia após dia, “*sob pressão*”, com a sensação de que sempre tem algo que deve ser feito, sempre tem um texto para ser lido, sempre tem uma tarefa doméstica a ser feita, tem que dar atenção para o marido e para os familiares, além dos seus filhos. Tudo isso fica acumulado e uma hora ou outra, seria preciso colocar para fora. Entretanto, logo em seguida, o arrependimento chegaria e mais uma vez a culpa tomaria conta.

Conclusão

O objetivo principal do presente trabalho foi o de investigar as estratégias que graduandas do curso de Pedagogia da UFRJ desenvolveram para lidar com os estudos acadêmicos, conciliando com suas respectivas ocupações profissionais, com a família (maridos/filhos/pais/avós/irmãos/etc.), com as tarefas domésticas e com as demais atividades complementares, tais como, cursos de línguas, lazer, etc. Com base na teoria da Sociologia da Educação, pude refletir sobre as estratégias que são traçadas por esse perfil de estudante, considerando seu desenvolvimento individual como método indispensável para a sua permanência no mundo acadêmico.

Realizar as entrevistas me proporcionou reforçar a hipótese que levantei inicialmente de que as estratégias são individuais, com apoio familiar, no máximo e, as instituições de ensino superior não desenvolvem quaisquer políticas para auxiliar os/as discentes na organização do tempo. Essas estudantes estão jogadas à própria sorte em relação à universidade. É preciso que cada uma delas tenha a habilidade de desenvolver seus próprios métodos com objetivo de permanecer no curso. Todas as entrevistadas fizeram relatos informando as estratégias que cada uma utiliza nesse processo.

As mulheres que foram entrevistadas demonstraram em suas falas que seria muito bom se a universidade oferecesse algum tipo de apoio institucional em relação à ajuda na organização do tempo. Um sentimento de desvalorização, em relação à instituição, de não se sentirem importantes, não se sentirem amparadas pela universidade, foi revelado pelas alunas. Muitas relataram que quando ingressaram na UFRJ não foram informadas que tinham direito a receber algum tipo de bolsa acadêmica. Segundo elas, receber uma ajuda financeira da universidade logo nos primeiros meses de ingresso faria muita diferença. Uma das entrevistadas informou que só foi ter conhecimento que poderia receber alguma bolsa somente quando estava no terceiro período. Foi então que correu atrás desse benefício e conseguiu receber o dinheiro em espécie já em meados do quarto período. Ela chegou a “culpar” algumas colegas de classe, pois, algumas delas sabiam desse direito, mas não “passaram a informação”. A hipótese dessa estudante é de que as outras alunas ficaram com medo de ter mais concorrência no processo seletivo.

As dificuldades enfrentadas pelas estudantes por conta da falta de tempo é um

tema que, a meu ver, deve ser mais aprofundado e explorado, pois, ter que lidar diariamente, de forma bem sucedida, com todas as dificuldades mencionadas durante esse trabalho seria crucial para um bom desempenho acadêmico desse perfil de estudante.

Este estudo buscou oferecer uma modesta contribuição para o campo da Sociologia da Educação, principalmente por se tratar de um tema de extrema relevância para os/as “novos/as estudantes”, com o objetivo de contribuir para futuros estudos que estejam engajados com a permanência de estudantes oriundos das camadas populares no ensino superior.

Com satisfação concluo meu estudo monográfico, pois, durante todos os anos da minha própria trajetória acadêmica, precisei enfrentar muitos problemas relacionados à falta de tempo, principalmente por me incluir no perfil trabalhado nesta pesquisa. Entretanto, ressalto que não obtive muitas respostas; algumas dúvidas ainda são presentes e, essa sensação, impulsiona uma vontade de empreender novos estudos, em um futuro bem próximo, relacionados a essa temática que considero tão relevante.

Bibliografia

ÁVILA, Rebeca. **“Trajetórias e estratégias escolares de mulheres de camadas populares que vivenciam uma tríplice jornada diária: trabalho remunerado, trabalho doméstico e estudos”**. Dissertação (Mestrado em Educação). São João Del Rei: UFSJ, 2010. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/Dissertacao9RebecaContreraAvila.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2017.

BARRETO, Andreia. **A Mulher no Ensino Superior: distribuição e representatividade**. Cadernos do GEA, n. 6, jul./dez. 2014. Rio de Janeiro.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CARDOSO, A. & VARGAS, H. **Invisíveis no campus: sobre a permanência de estudantes de pedagogia e de engenharia mecânica na Universidade Federal Fluminense**. In: HONORATO, G & HERINGER, R. **ACESSO E SUCESSO NO ENSINO SUPERIOR: uma sociologia dos estudantes**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FORQUIN, Jean Claude. **“Sociologia das desigualdades de acesso à educação”**. In: FORQUIN, J. C. (org.) **Sociologia da educação. Dez anos de pesquisa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995. Pp. 19-78.

HERINGER, Rosana (2015). **O acesso ao curso de pedagogia da UFRJ: análise a partir dos ingressantes em 2011-2012**. In: HONORATO, G & HERINGER, R. **ACESSO E SUCESSO NO ENSINO SUPERIOR: uma sociologia dos estudantes**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

HONORATO, Gabriela de S (2015). **Investigando “permanência” no ensino superior: um estudo sobre cotistas do curso de Pedagogia (da UFRJ) e as dificuldades por elas enfrentadas**. In: HONORATO, G & HERINGER, R. **ACESSO E SUCESSO NO ENSINO SUPERIOR: uma sociologia dos estudantes**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

INEP. Sinopse Estatística da Educação Superior 2015. Brasília: Inep, 2016. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>>. Acesso em: 02 mar. 2017.

NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação no final dos anos 60/início dos anos 70: o nascimento de paradigma da reprodução**. Em *Aberto*, no46, abr/jun 1990. p. 49- 58.

RISTOFF, Dilvo. **A trajetória da mulher na educação brasileira**. INEP, Brasília, 10 mar. 2006.

_____. **O NOVO PERFIL DO CAMPUS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DO ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO.** Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n.3, p 723-747, nov. 2014.

_____. **VINTE E UM ANOS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR: EXPANSÃO E DEMOCRATIZAÇÃO.** Cadernos do GEA, n. 3, jan.-jun. 2013. Rio de Janeiro.

SAMPAIO, Helena. **Evolução do ensino superior brasileiro, 1808-1990.** São Paulo: Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo, 1991. Disponível em < <http://nupps.usp.br/downloads/docs/dt9108.pdf> Acesso em: 20 fev. 2017.

SANTOS, Clarissa Tagliari (2015). **Permanência de bolsistas do ProUni no ensino superior.** In: HONORATO, G & HERINGER, R. ACESSO E SUCESSO NO ENSINO SUPERIOR: uma sociologia dos estudantes. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

SOUZA, Mayara de O (2017). **Os “novos estudantes” do curso de Pedagogia da UFRJ e a relação com o trabalho acadêmico.** Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Rio de Janeiro: CFCH/FE/UFRJ, 2017.